

As novas fronteiras da Educação Jesuíta: *desafios e perspectivas de uma tradição aberta ao futuro*

Pedro Rubens Ferreira Oliveira, SJ*

A mundialização é uma evidência. Menos evidente, porém, é que o mundo em rede esteja mais humano. Paradoxalmente, o ser humano atingiu um limiar importante do desenvolvimento de suas capacidades e aperfeiçoou as possibilidades de domínio da natureza, através das ciências e das tecnologias, mas parece ter perdido o controle das consequências dessa evolução, pois carece do senso de humanidade. Humanizar o mundo torna-se, portanto, uma questão crucial e decisiva para o destino do planeta e de seus habitantes. Mas “que vem a ser humanizar o mundo, senão pô-lo a serviço da humanidade?” (ARRUPE, apud KOLVENBACH, 1993, p. 103).

Nesse contexto, a Educação Jesuíta é chamada a responder ao apelo de *humanizar a própria humanidade* como sua tarefa primordial dentro de uma tensão constitutiva: por um lado, a Educação Jesuíta não se reduz a um sistema educativo nem a um conjunto de instituições, mas toca o âmago do carisma inaciano; por outro lado, esse carisma educativo, inspirado na experiência dos *Exercícios Espirituais de Santo Inácio*¹, encarna-se em mediações históricas e institucionais, tão contingentes quão indispensáveis à busca do espírito que a atravessa e a excede.

Por isso, diante de tantos novos cenários (sociais, políticos, econômicos, éticos, estéticos, culturais, religiosos...), importa reler, constantemente, a tradição e seus apelos de mudança. Na última Congregação Geral² dos jesuítas, em 2008, a educação não foi abordada de forma específica, como, aliás, nenhum campo apostólico particular. Mas os documentos resultantes desse encontro confirmaram as opções apostólicas anteriores e

* Doutor em Teologia pela Faculté des Jésuites de Paris (2002); professor da FAJE, BH, de 2002 a 2005; Reitor da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) desde 2006; diretor Regional Nordeste da Fundação Fé e Alegria do Brasil (2006-2010) e membro do Conselho Curador da Fundação Fé e Alegria do Brasil (a partir de 2010).

¹ Doravante usaremos a abreviação EE.

² Doravante: CG 35

lançaram um apelo à redescoberta de *nosso carisma*³, apontando a necessidade de avançar rumo a “novas fronteiras”⁴. Isso implica superar as “antigas” fronteiras e, ao mesmo tempo, discernir quais são propriamente as “novas”. Algumas fronteiras são tensões históricas: escolas de tempo parcial e educação integral, escola convencional e educação popular, ensinos básico e superior, educação escolar e formação para a vida. Elas, além de expressarem dicotomias, indicam os caminhos de nossa busca – busca que se consiste no diálogo com as diversas situações emergentes num esforço de atender ao apelo de redescoberta do carisma inaciano.

Uma forma de redescobrir o carisma de uma tradição como a jesuíta é colocá-lo à prova de uma nova linguagem. Nesse passo, proponho aqui um duplo exercício de reflexão: primeiro, partir de certo consenso universal, expresso de forma paradigmática na obra *Os sete saberes necessários à Educação do Futuro*, de Edgar Morin (2000)⁵; e, em seguida, pôr em diálogo esses saberes gerais com uma tradição particular, segundo algumas *Características da Educação da Companhia de Jesus* (1987)⁶ e da Pedagogia Inaciana (1993)⁷.

1. Os sete saberes e as perspectivas do futuro presente da educação

Essa obra de Edgar Morin é uma resposta a uma solicitação da UNESCO de sistematizar um conjunto de reflexões que servissem como **ponto de partida** para se repensar a educação do novo milênio, hoje já inaugurado. O autor propõe sete saberes necessários à educação do futuro: 1. As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão; 2. Os princípios do conhecimento pertinente; 3. Ensinar a condição humana; 4. Ensinar a identidade terrena; 5. Enfrentar as incertezas; 6. Ensinar a compreensão; 7. Antropoética ou ética do gênero humano.

Reorganizamos esses saberes em três perspectivas:

³ Ver, sobretudo, CG 35, Decreto II, “Um fogo que acende outros fogos”, op. cit.

⁴ Ver CG 35, Decretos I, 13.15; 2, 20, op. cit.

⁵ Doravante usaremos a abreviação EM, seguida do número da página dessa obra.

⁶ Doravante usaremos a abreviação CE, seguida do número da página dessa obra.

⁷ Doravante usaremos a abreviação PI, seguida do número da página dessa obra.

- O conhecimento em questão (saber 1, 2 e 5);
- Ensinos fundamentais (saber 3, 4 e 6);
- Perspectiva da ação (saber 7).

1.1. Novas interrogantes do Conhecimento ou o conhecimento em questão

As ciências modernas permitiram atingir níveis surpreendentes de conhecimento e um alto grau de certezas. Mas, ao longo do século XX, limiar da modernidade com também sinais de seu declínio, o próprio saber científico revelou inúmeras **incertezas**. Primeiro, os séculos precedentes apostaram no futuro e a civilização moderna viveu com a certeza do progresso histórico; o século passado, porém, experimentou a imprevisibilidade, o mito do progresso ficou questionado, instaurou-se a incerteza histórica: “o futuro chama-se incerteza” (EM, p. 81). A educação, portanto, não pode fugir desse dado e, por isso, deve enfrentar a incerteza dentro da própria concepção de conhecimento. A incerteza revela um segundo ponto de discussão: “Todo conhecimento comporta o **risco do erro e da ilusão**” (EM, p.19). A educação precisa mostrar que não há conhecimento que não esteja, em algum grau, ameaçado pela possibilidade de erro e ilusão (EM, p.20). O desenvolvimento científico representa um poderoso meio de detecção dos erros e de combate às ilusões, mas, nem por isso, as ciências estão imunes a esses riscos. A terceira interrogante do conhecimento, enfim, é propositiva: a educação precisa promover um **conhecimento pertinente**. Pertinente é conhecimento adequado, capaz de apreender os problemas globais para neles inserir os parciais e os locais. Para essa articulação, quatro momentos são propostos: 1. situar no *contexto*; 2. estabelecer relações entre o todo e as partes (*global*); 3. reconhecer o caráter *multidimensional* da realidade (ser humano, sociedade) e, 4. assumir a *complexidade* de uma realidade que torna inseparáveis seus diversos aspectos: econômico, político, sociológico, psicológico, afetivo, mitológico (EM, p. 36-39).

1.2. Ensinos fundamentais

Dos sete saberes indispensáveis à educação do futuro, três são marcados pelo mesmo ato: ensinar (ensinar a condição humana, ensinar a identidade terrena e ensinar a compreensão). Esses ensinamentos fundamentais devem ser considerados em qualquer forma de educação.

Primeiramente, a educação deverá estar centrada na condição humana, sob a forma de um duplo reconhecimento: reconhecer o que há de comum nos seres humanos e, ao mesmo tempo, reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo o que é humano (EM, p. 47). Por isso, faz-se necessário promover um grande “relembramento dos conhecimentos” oriundos das *ciências naturais*, a fim de situar a condição humana no mundo, e das *ciências humanas*, para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humanas, bem como *integrar a contribuição das humanidades*, tanto da filosofia e da história como também da literatura, da poesia, das artes, etc. (EM, p. 48). No século XXI, precisamos, enfim, superar a visão unilateral que define o ser humano pela racionalidade (*Homo sapiens*), pela técnica (*Homo faber*), pelas atividades utilitárias (*Homo economicus*), pelas necessidades obrigatórias (*Homo prosaicus*). O ser humano é complexo: ele é, ao mesmo tempo, *sapiens e demens, faber e ludens, empiricus e imaginarius, economicus e consumans, prosaicus e poeticus* (EM, p. 58).

Em segundo lugar, a educação precisa fazer compreender a condição humana no mundo (EM, p. 63). Paradoxalmente, a condição humana assumiu dimensões planetárias, mas o modo de pensar perdeu ou não desenvolveu igualmente a aptidão de pensar a globalidade, a relação todo-partes, sua multidimensionalidade, sua complexidade (EM, p. 64). A mundialização criou um circuito de intercâmbio de produtos, de comunicação e de pessoas, mas, ao mesmo tempo, produziu um circuito de miséria (EM, p. 68). Daí a necessidade da nova consciência emergente: consciência antropológica (unidade na diversidade), ecológica (cuidado com o habitat natural), cívico-terrena (solidariedade para com pessoas do mundo inteiro) e espiritual (transcendência em sentido básico).

Enfim, em terceiro lugar, é preciso ensinar a compreensão recíproca, a partir de outro paradoxo humano do tempo presente: por um lado, a multiplicação das condições e possibilidades de comunicação e, por outro, o aumento de incompreensão entre as pessoas. A globalização requer uma compreensão em âmbito planetário, mas “a única verdadeira mundialização que estaria a serviço do gênero humano é a da compreensão, da solidariedade intelectual e moral da humanidade” (EM, p. 102). Tal “compreensão entre sociedades supõe sociedades democráticas abertas” (EM, p. 104).

1.3. A ética do gênero humano

Todo desenvolvimento plenamente humano deve compreender o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana (EM, p. 105-106). Como tarefa do novo milênio, a educação deve visar à formação dessa nova mentalidade ética: não ensinada por meio de lições de moral, mas de uma real consciência do que é o ser humano, indivíduo e, ao mesmo tempo, parte da sociedade. É preciso, pois, educar para uma ética propriamente humana ou antropológica.

A “antropológica” implica: trabalhar para a humanização da humanidade; efetuar a dupla pilotagem do planeta, ou seja, obedecer à vida e guiá-la; alcançar a unidade planetária na diversidade; respeitar no outro, ao mesmo tempo, a diferença e a identidade própria; desenvolver a ética da solidariedade; desenvolver a ética da compreensão e, enfim, ensinar a ética do gênero humano (EM, p. 106). O autor entende essa tarefa dentro de dois circuitos: primeiro, o circuito indivíduo/sociedade, cujo foco é *ensinar a democracia*; no segundo circuito, indivíduo/espécie, o foco é *ensinar a cidadania terrestre*. A educação não somente deve contribuir para essa conscientização mas também para a sua tradução em vontade de realizar a cidadania terrena, fundada na democracia.

2. Redescobrir o carisma jesuíta em diálogo com a educação do futuro

Diante da concepção universalizante de Morin, resgatemos alguns elementos fundamentais da tradição “singular” jesuíta, indicando alguns “deslocamentos”, próprios da dinâmica inaciana.

2.1. Do risco do erro ao risco da experiência

A visão jesuítica, diante do problema do **risco de erro e de ilusão**, propõe uma dinâmica de conhecimento que busca transformar “os modos de pensar habituais mediante uma constante inter-relação de *experiência, reflexão e ação*”⁸. O sentido da experiência não é o da verificação empírica, mas o que normalmente chamamos de vivência e empatia, portanto, experiência em sentido existencial (PETERS, 2001). Por reflexão não se entende a pura abstração, mas uma inteligência da realidade ou uma inteligibilidade do real. Enfim, a dinâmica da visão jesuítica atinge seu termo no mundo da ação: isso nos distancia tanto do ativismo e do imediatismo quanto da concepção da prática oposta à teoria. Na *Pedagogia Inaciana*, mais dois pontos foram acrescentados nesta dinâmica: um anterior, denominado “contexto da aprendizagem”, e outro posterior à ação, a “avaliação”, indispensável numa dinâmica educativa, que é também autorreflexiva (PI, p. 32). Evidentemente, não se elimina o risco, mas se pode diminuir a sua incidência no exercício do aprendizado.

2.2. Da incerteza ao mistério inesgotável

O problema da **incerteza**, indicado por Morin, não aparece tão claramente na proposta jesuíta. Duas noções importantes para a fé cristã poderiam ser trabalhadas nessa perspectiva: a noção de “mistério” pode ser resgatada para além dos esoterismos de moda; o conceito de “revelação” merece ser revisitado e isentado do contexto antimodernista em que surgiu, para expressar a dimensão ambivalente do real. Afinal, o real nunca é evidente: tanto se revela quanto se esconde. Eis uma “brecha” para desenvolver um sentido da transcendência: essa dimensão, antes de ser assunto de fé ou

⁸ Congregação Geral 33, Decreto I, 42-43.

de religião, condiz com uma visão de ser humano, consciente de sua finitude, mas aberto ao mistério inesgotável de sua própria humanidade.

2.3. Da pertinência à excelência

A proposta de um **conhecimento pertinente** nasce de uma crítica da fragmentação do saber. A educação jesuíta, por sua vez, afirma-se como uma tradição de busca da formação integral: *excelência acadêmica* que visa à *excelência humana* (PI, p. 107). Trata-se de formar líderes que assumam posições de responsabilidade na sociedade. Ora, essa perspectiva conduziu a distorções que merecem ser criticadas e corrigidas. Porém, qualquer que tenha sido a interpretação no passado, a compreensão hodierna da excelência não é preparar uma elite socioeconômica, mas, antes, formar líderes para o serviço do Reino de Deus, através da construção de uma sociedade mais justa e solidária (PI, p. 110).

Paralelamente aos ensinamentos fundamentais elencados por Morin, podemos associar *três dinâmicas do processo educativo jesuíta*.

2.4. Da compreensão à solidariedade

A melhor tradução jesuíta para a tarefa que Morin chama de “ensinar a compreensão” é “educar para a solidariedade”. Ao longo de toda sua tradição, a educação jesuíta procurou formar “a pessoa toda”: intelectual, profissional, psicológica, moral e espiritualmente. Mas, como disse Kolvenbach, “a *pessoa toda* na realidade global emergente, com suas grandes possibilidades e profundas contradições, difere, portanto, da *pessoa toda* da Contrarreforma, da Revolução Industrial ou do século XX. A *pessoa toda* de amanhã não chega a ser ‘completa’ sem uma consciência formada da sociedade e da cultura para contribuir generosamente no mundo real, tal qual ele existe. A *pessoa completa* de amanhã deverá ser, numa palavra, bem-educada na solidariedade”⁹.

⁹ Peter-Hans Kolvenbach, “O serviço da fé e a promoção da justiça na educação superior dos jesuítas nos Estados Unidos”, São Paulo: Ed. Loyola Col. Ignatiana 45, p. 11-32 (aqui p. 24-25). Trata-se de uma conferência proferida na Universidade

A pessoa bem-educada na solidariedade, portanto, não somente seria formada no exercício do diálogo entre fé e cultura (CE, p. 22), fé e ciência (CE, p. 37), fé e justiça mas também no espírito de valorização das outras culturas (CE, p. 38). Embora partindo de valores associados ao cristianismo, essa formação é aberta à pluralidade de formas de viver e de crer. O maior aprendizado não está, portanto, na linha de conteúdos ensinados, mas na forma de cultivar valores fundamentais.

2.5. Da identidade terrena à identificação com o Filho de Deus

A questão da identidade na formação jesuíta “afirma a realidade do mundo” (CE, p. 22), na linha de uma “identidade terrena”, mas não hesita em incluir Deus como constitutivo dessa identidade fundamental. Deus assume a condição humana, partilhando a forma histórica de ser humano “ igual a nós em tudo, menos no pecado “ e, por esse ato mesmo, todo ser humano é chamado a identificar-se com o Filho de Deus, filiação que confere a cada pessoa uma dignidade inalienável.

A concepção de ser humano criado à imagem de Deus está na base de todos os humanismos inspirados no cristianismo. Longe de promover idealismos, a Educação Jesuíta proporciona um conhecimento do mundo em sua ambivalência: um conhecimento realista da criação vê a bondade de tudo quanto Deus criou, mas inclui a consciência dos efeitos históricos e sociais do pecado (CE, p. 57). Por essa ambivalência do mundo, a educação deve partir de uma dada realidade, mas vislumbrando a sua transformação. Em educação, o passo anterior a uma ação pertinente é o desenvolvimento da capacidade humana de conhecer a realidade e avaliá-la criticamente (CE, p. 58).

2.6. Da condição humana à opção pelo humano em toda sua humanidade

de Santa Clara, no Vale do Silício, nos EUA, por ocasião de uma reunião de todas as universidades norte-americanas da Companhia de Jesus, aos 6 de outubro de 2000.

A grande tradição da Educação Jesuíta está centrada na pessoa humana, a partir de sua condição atual e de suas potencialidades. Isso implica, primeiramente, uma **formação integral** de cada indivíduo dentro da comunidade humana (CE, p. 22), desde a formação intelectual completa e profunda (CE, p. 26) ao desenvolvimento da imaginação, afetividade e **criatividade** (CE, p. 28); ajudando assim no desenvolvimento de todos os seus talentos (CE, p. 25).

O segundo aspecto, porém, acentua a necessidade de formação do **senso crítico**: avaliar criticamente os meios de comunicação de massa (CE, p. 30) e fazer uso crítico das tecnologias (CE, p. 27). No âmago da proposta jesuíta, está o fomento do uso de todos os meios, *à medida que* eles se prestam para a realização da pessoa, concebida não apenas enquanto indivíduo mas também como ser social.

O uso dos meios *tanto/quanto* ou *à medida que* realizam a nossa humanidade (cf. EE, p. 23) implica uma verdadeira pedagogia como “arte e ciência de ensinar”. Para além de uma mera metodologia, deve incluir uma perspectiva do mundo e uma visão da pessoa humana ideal que se pretende formar (PI, p. 11). “Os jovens deveriam sentir-se livres para seguir o caminho que lhes permita crescer e desenvolver-se como seres humanos” (PI, p. 15).

2.7. Da Antropoética à Ética da Alteridade (“Alteropoética”): *formar homens e mulheres para os outros*

“O objetivo supremo da Educação Jesuíta é [...] o desenvolvimento global da pessoa, que conduz à ação inspirada pelo Espírito e à presença de Jesus Cristo, filho de Deus e *Homem para os outros*” (PI p. 12). A Educação Jesuíta está, portanto, toda orientada para a formação de valores: o conhecimento aqui se une à vida moral (CE, p. 51) ou ética. Nessa formação, Cristo aparece como “modelo” de vida humana (CE, p. 61). Ser cristão significa seguir a Cristo e ser como Ele, compartilhar e promover os seus valores e modo de vida em tudo o que é possível (CE, p. 62). Isso não exclui a abertura a outras formas de viver e de pensar: as últimas congregações gerais, além de redefinirem

a missão jesuíta com o binômio “defesa da fé e promoção da justiça”, acrescentaram o diálogo com as religiões e culturas.

O cenário privilegiado dessa formação é o próprio mundo: “todo o mundo torna-se assim nossa casa”, segundo a expressão de J. Nadal. Correspondente à “cidadania terrena”, de Edgar Morin, os jesuítas falam de “cidadania responsável”. Segundo a Pedagogia Inaciana, o objetivo da educação no mundo de hoje, marcado por tão rápidas mudanças em todos os níveis e por sistemas ideológicos competitivos entre si, não pode permanecer restrito a uma simples transmissão de conhecimentos. Se quisermos, efetivamente, preparar homens e mulheres que sejam competentes e conscientes, capazes de contribuir significativamente para o futuro da humanidade, é preciso formar para a responsabilidade cidadã (PI, p. 79). Não se pode deixar o futuro da ciência, o empreendimento da tecnologia e a tomada de decisões nas mãos de líderes políticos ou dirigentes de indústrias com interesses próprios. É tanto um direito quanto uma responsabilidade de cada cidadão julgar e agir de modo adequado, ação pertinente, em favor da comunidade humana, que se está configurando de maneira cada vez mais global.

O princípio norteador dessa educação, orientada para valores, repousa sobre uma concepção fundamental, a saber: “a consciência de que as pessoas e as estruturas podem mudar, juntamente com o compromisso de trabalhar por essas mudanças de modo que se construam estruturas humanas mais justas, que possibilitem o exercício da liberdade unido a uma maior dignidade humana para todos” (CE, p. 58). Essa aposta no ser humano e na bondade do mundo não esconde, mas até revela, os problemas inerentes a esses processos de conversão das pessoas e de transformação das estruturas. Isso porque a Educação Jesuíta visa à transmutação das pessoas e das realidades.

O método de formação de valores faz-se através do confronto com pontos de vista opostos (CE, p. 53), não sem buscar critérios para o discernimento. Precisamos de uma pedagogia que alerte os jovens sobre as complexas redes de valores, que, não raro, se disfarçam tão sutilmente na vida moderna – através da publicidade, da música, da

propaganda política, etc.–, de tal modo que os estudantes possam examiná-las, julgá-las e comprometer-se livremente com elas, baseados numa autêntica compreensão das mesmas (PI, p. 81). Esse exercício de discernimento e sua pedagogia querem formar pessoas não apenas capazes de escolher entre o bem e o mal, mas até mesmo entre o bem e o bem maior. A educação implica, por conseguinte, formar pessoas capazes de tomar decisões e agir eticamente.

Enfim, essa formação axiológica tem como perspectiva última a ação humana e humanizadora, cujo valor maior é o amor. Antes de suspeitarmos de qualquer romantismo, uma máxima inaciana vem ao nosso encontro: “O amor se mostra mais em obras que em palavras” (EE, p. 231). Esse amor experimentado, refletido e atuante está sempre situado, supõe critérios e opções: ora, em nossos dias, o critério maior de discernimento de nosso amor ao próximo encontra sua expressão privilegiada no binômio fé e justiça (CE, p. 74)¹⁰. A fé que promove a justiça visa à formação de um novo tipo de pessoa e de sociedade, na qual cada indivíduo tem a oportunidade de ser plenamente humano, da mesma forma que cada um aceita a responsabilidade de promover o desenvolvimento humano dos demais (CE, p. 76). Amor se transforma em serviço e, nesse sentido, a tarefa da educação, em última instância, consiste em formar homens e mulheres para servir aos outros.

Conseqüentemente, não se concebe o amor a Deus sem o amor à humanidade (CE, p. 82). E, mais uma vez, não se trata da humanidade em geral: há uma preocupação especial com os mais necessitados, concretamente expressa na opção preferencial pelos pobres (CE, p. 85), tanto na admissão dos estudantes quanto no tipo de formação que se busca dar a todos eles.

Conclusão aberta: *não ardiam os nossos corações...?*

¹⁰ Vaticano II: “O divórcio entre a fé que muita gente professa e a realidade de suas vidas no cotidiano merece ser contado entre os erros mais graves de nosso tempo” (GS 43).

Recordar essas características e dinâmicas, em diálogo com linguagens contemporâneas, é uma manifestação impressionante de atualidade da tradição educativa jesuíta e um exercício de redescoberta do carisma inaciano. Não é secundário, porém, que, embora vindos de diferentes instituições educativas, possamos nos sentir parte dessa grande tradição e suscitar interrogações sobre as possibilidades que teríamos de atuar em rede e pensar no *continuum educativo* jesuíta, articulando redes de colégios, universidades, movimentos de educação popular (Fé e Alegria¹¹). Mais que levantar um questionamento, o tempo é favorável ao convite de construir “parcerias operativas”, não somente entre as instituições educativas, mas também com as outras frentes apostólicas. Diante dos desafios da globalização, abrem-se igualmente perspectivas¹²:

- Primeiramente, a educação jesuíta é chamada a promover o **aprofundamento do conhecimento** para, por um lado, superar a globalização da superficialidade e a exclusão suscitada pela sociedade do conhecimento, e por outro lado, buscar alternativas para a humanização da Humanidade, contribuindo na construção de uma “Sociedade Sustentável”;

- Em segundo lugar, é preciso redescobrir a **universalidade da missão** através de redes de colaboração entre as diversas frentes apostólicas inacianas; mas, será necessário superar algumas dicotomias (fronteiras “antigas”) como, por exemplo: entre ministério educacional e ação social, trabalho popular e apostolado intelectual, inserção local e missão universal; faz-se necessário superar também a “setorização” da missão educativa (educação popular, colégios e ensino superior). É chegada a hora de pensarmos educação como um todo e o Brasil como campo apostólico comum.

¹¹ Nota da Presente! revista de educação: Fé e Alegria é um “Movimento de Educação Popular Integral e Promoção Social”, uma das obras sociais dos jesuítas. Sua ação, impulsionada pela fé cristã, desenvolve-se com os empobrecidos e os excluídos, principalmente crianças e adolescentes, a fim de auxiliá-los na busca de sua autonomia e defesa dos seus direitos. Atuando no Brasil desde 1981, em 2009 estava presente em 14 estados e em 19 países, da América Latina e Caribe, Europa e África (Sobre o Fé e Alegria, disponível em http://www.fealegria.org.br/capa/sobre_fe_alegria.asp, acesso em 09 de junho de 2010).

¹² Os três aspectos seguintes estão inspirados na conferência do P. Geral, Adolfo Nicolas, aos representantes de universidades jesuítas, no Congresso Internacional de Educação Jesuíta, de 21 a 25 de abril de 2010, no México.

- Enfim, faz-se indispensável **repensar o ministério acadêmico** ou educativo jesuíta, a partir de novas fronteiras. A educação aparece assim como exercício de redescoberta de nosso carisma e “refundação” de nossas instituições. Evidentemente que não estamos falando do aspecto puramente institucional, dimensão incontornável de nossa missão, mas, sobretudo da dinâmica que nos move. Nesse passo, revistar juntos as grandes dimensões comuns de toda e qualquer ação educativa que se reivindique para si o selo de Educação Jesuíta e Pedagogia Inaciana, a saber: dimensão Social, Cultural, Espiritual e Pedagógica propriamente dita.

É muito oportuno que estejamos em uma universidade e com uma assembléia representativa de toda a rede educativa jesuíta do Brasil, embora ainda dividida em setores. Afinal, a grande tradição que nos habita teve início com um pequeno grupo de jovens universitários que transformaram sonhos em projetos e realizações. Imagine se eles dispusessem dos meios hodiernos! Melhor ainda seria imaginar o que poderemos fazer com os meios e as oportunidades de que dispomos, se nós tivermos a *ousadia* e a *criatividade* dos primeiros jesuítas!

Referências

- CARACTERÍSTICAS da Educação da Companhia de Jesus, São Paulo: Ed. Loyola, Col. Documenta SJ nº 4, 1987.
- DECRETOS da 35ª Congregação Geral. São Paulo: Ed. Loyola, 2008.
- KOLVENBACH, Peter-Hans. *A Pedagogia Inaciana: uma proposta prática*. São Paulo: Loyola, col. Monumenta SJ nº 12, 1993, nº 137, p. 103.
- LOYOLA, Inácio de. *Exercícios Espirituais*, São Paulo: Loyola, 2002.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à Educação do Futuro*, São Paulo: Cortez Editora; Brasília: UNESCO, 2000.
- PEDAGOGIA Inaciana: uma proposta prática*, São Paulo: Ed. Loyola Col. Documenta SJ nº 12, 1993.
- PETERS, Theodoro. Características da Educação Superior Jesuíta, In: Id. *Universidade para o terceiro milênio*, Recife, Unicap col. NEAL n. 3, 2001, p. 87-106.